

“A Palavra no Espelho”

UM PEQUENO PASSEIO ATRAVÉS DA TESE DA PESQUISADORA
CRISTINA ÁVILA E PELO UNIVERSO DOS SERMONISTAS, ESCRITORES...

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO
PRESIDENTE DO IHG DE SÃO JOÃO DEL-REI

Cristina Ávila defendeu a sua tese de doutorado, publicada com o título de “A Palavra no Espelho”. O trabalho tem o mérito de reabilitar aqueles personagens históricos bastante comuns nos séculos XVII, XVIII e XIX, apresentando-nos a uma elite que constantemente era a atração das nossas festas religiosas. A autora afirma que não foi somente o Padre Vieira que deixou grandes sermões escritos; existiram muitos outros nomes e textos que ainda são praticamente desconhecidos, mas que se apresentam recheados de valores religiosos, artísticos, literários e históricos. Um dos valores da referida tese é o de divulgar nomes de autores esquecidos e alguns documentos que julgávamos desaparecidos ou ainda eram desconhecidos.

Os sermonistas eram artistas bem remunerados na época colonial. Ganhavam como ou até mesmo melhor do que os pintores ou os escultores sacros. Eram pessoas respeitadíssimas, conheciam bem o latim, tinham o dom da leitura e da escrita e, como não poderia deixar de ser, possuíam o dom da palavra, ou seja, como diria Roland Barthes, o dom da *“escrita em voz alta”*. Geralmente quem escrevia o sermão era a mesma pessoa que o pregaria posteriormente. Os pregadores viajavam de

cidade em cidade, através de vilas e de povoados, fazendo circular a sua linguagem e, também, o que era mais importante, sobretudo para a Igreja, possibilitavam que as pessoas ouvissem e assimilassem as mensagens religiosas, já que naquela época nem todos tinham o bom conhecimento da leitura.

Existiam sermões mais profundos, de linguagem mais erudita, metafórica; seus autores os escreviam como se fossem rebuscadas peças literárias ou poemas, de rara beleza. Outros sermões, quando se fazia necessário, eram mais diretos e com linguagem que se prestava à evangelização das camadas mais rudes da população, apresentando os problemas mais simplórios das comunidades para as quais eles eram dirigidos. Os temas variavam: poderiam ser o roubo, a maneira de se vestir, a humildade, os diversos santos e suas vidas, o pecado, a usura, o ouro, a ganância, a moral, a Virgem Maria como modelo de mulher, dentre outros.

A apresentação dos sermões tinham um pouco de espetáculo, como existe em toda a nossa cultura barroca. Comumente eles se compunham de 30 ou 40 páginas e eram também apresentados de um modo bastante teatral, muito gesticulado, cheio de expressões faciais e com entonações de voz bastante representativas; muitas vezes, dada a extensão e impossibilidade

de decorá-los, eram lidos. Quando a erudição era mais acentuada, nem todos compreendiam muito bem os sermonistas, mas não arredavam o pé do interior da igreja: o fascínio de escutá-los era como se fosse uma bênção divina, o que já era uma atração muito satisfatória... Eles pregavam sempre de dentro dos púlpitos, lugares que são comuns nas nossas igrejas mais antigas.

Eu, quando criança, cheguei a presenciar lá na Igreja de São Miguel do Cajuru alguns sermões inflamados, proferidos do interior do púlpito. Lembro-me também daqueles frades capuchinhos (onde será que eles foram parar?), os quais eram bons oradores e encantavam a meninada, pois soltavam pombinhas brancas no final de suas pregações e sempre nos ofertavam alguns bonitos terços, santinhos e benfins...

A tese de Cristina Ávila veio para recuperar nomes e precisidades de uma época. No meu caso serviu também para relembrar episódios daquele tempo de criança, vivido lá pelas bandas do arraial bandeirante “da Boca do Mato”, para relembrar dos capuchinhos e voltar o pensamento para um grande e virtuoso sermonista, personalidade praticamente esquecida: o *“santo”* cajuruense padre Miguel Afonso de Andrade Leite (29/09/1912 - 30/09/1976).

JORNAL DE MINAS

(São João del-Rei - MG, ano III, edição 34, primeira quinzena de março de 2004, pág. 2)